



TECENDO LEITURA
DE LITERATURA
NEGRA: FIOS DE UMA

NARRATIVA
AFETIVA E

REFLEXIVA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS

CADERNO DE OFICINAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

**TECENDO LEITURA DE LITERATURA NEGRA: FIOS DE UMA
NARRATIVA AFETIVA E REFLEXIVA**

Salvador

2024

FÁTIMA DA SILVA PEREIRA

Caderno didático-pedagógico apresentado para conclusão do Mestrado Profissional em Letras (Profletras), no Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia, como parte complementar do Memorial de formação para obtenção do título de Mestre.

ORIENTADORA: Dr^a. Fátima Aparecida de Souza

Salvador

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

da Silva Pereira, Fátima

TECENDO LEITURA DE LITERATURA NEGRA: FIOS DE UMA
NARRATIVA AFETIVA E REFLEXIVA / Fátima da Silva
Pereira. -- Salvador, 2024.
68 f. : il

Orientador: Fátima Aparecida De Souza..

CADERNO DIDÁTICO PEDAGÓGICO (Mestrado Profissional
em Letras - PROFLETRAS) -- Universidade Federal da
Bahia, Universidade Federal da Bahia, 2024.

1. . I. Aparecida De Souza., Fátima. II. Título.

“O privilégio social resulta no privilégio epistêmico, que deve ser confrontado para que a história não seja contada apenas pelo ponto de vista do poder. É danoso que, numa sociedade, as pessoas não conheçam a história dos povos que a construíram.”

Djamila Ribeiro (2019, p.65)

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	5
1	ESCRITORAS NEGRAS BRASILEIRAS EM CENA.....	7
2	TECENDO LEITURA DE LITERATURA NEGRA: FIOS DE UMA NARRATIVA AFETIVA E REFLEXIVA.....	17
2.1	OFICINA I: Literatura negra e escritoras negras brasileiras – o começo de uma parceria.....	21
2.2	OFICINA II: FLUTUANDO COM GENI.....	26
2.3	OFICINA III: LAÇOS E AFETOS EM “OLHOS D’ÁGUA”.....	35
2.4	OFICINA IV: CABELO E IDENTIDADE.....	38
2.5	OFICINA V: DIÁRIO DE CAROLINA.....	44
2.6	OFICINA VI : CUIDANDO DE MIM E DO OUTRO	49
2.7	OFICINA VI : CULMINÂNCIA DO PROJETO – Tecendo leitura de literatura negra: fios de uma narrativa afetiva e reflexiva	54
	REFERÊNCIA	57
	APÊNDICE A- SUGESTÃO DE PORTFÓLIO	59
	APÊNDICE B – ORIENTAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DO PORTFÓLIO	66

APRESENTAÇÃO

Caro/a professor/a,

Este caderno de atividades didático-pedagógicas, cujo título é “Tecendo a leitura de literatura negra: fios de uma narrativa afetiva e reflexiva”, foi elaborado durante a minha dissertação de mestrado profissional em Letras (PROFLETRAS–UFBA), a partir de minhas inquietações enquanto professora de educação básica. A cada dia, percebia uma fragilidade nos estudos de literatura negra de autores/as negras brasileiras sob a perspectiva do letramento literário e do letramento racial crítico.

Diante de minhas inquietudes, a ideia de trabalhar a leitura na perspectiva antirracista foi se fortalecendo ao longo das aulas do PROFLETRAS, mas também, nos encontros com a minha orientadora.

Optei pela proposta de oficinas de ensino como uma forma de criar um espaço onde os/as participantes possam construir conhecimentos, refletirem sobre questões acerca do racismo cotidiano, assim como ler o mundo de forma crítica.

Sobre as oficinas, Vieira e Volquind (2002, p.12) afirmam que:

Não é somente um lugar para aprender fazendo; supõe, principalmente, o pensar, o sentir, o intercâmbio de ideias, a problematização, o jogo, a investigação, a descoberta e a cooperação.

A seleção de livros de escritoras negras brasileiras nos oferece uma grande variedade de oportunidades para discutirmos o seu papel numa sociedade na qual a literatura eurocêntrica de escritores/as brancos/as, em sua maioria, tratam os/as personagens negros/as como inferiores e subalternos/as, desumanizando-os/as.

É necessário desconstruir esses estereótipos e a escola é um ambiente propício para repensar nossas práticas pedagógicas com base em uma educação antirracista. É importante aprimorar a lei 10639/03 em nossas aulas, não somente em eventos específicos, a fim de ampliar o repertório dos nossos alunos e promover a valorização da cultura negra.

A escola precisa mostrar o outro lado da história, pois a que é contada é muito perigosa, ainda é a história única (Adchie, 2019). Não podemos mais sustentá-la, então, caro/a professor/a, este caderno configura-se como um começo do outro lado da história que pretende

fortalecer identidades e trazer os aspectos positivos de quem tanto fez e faz pela nossa sociedade.

ESCRITORAS NEGRAS BRASILEIRAS EM CENA

GENI GUIMARÃES



Professora, poeta e ficcionista, Geni Mariano Guimarães nasceu na área rural do município de São Manoel-SP, em 08 de setembro de 1947. Aos cinco anos, mudou-se com seus pais para outra fazenda situada em Barra Bonita, Estado de São Paulo. Iniciou sua carreira de escritora publicando seus primeiros trabalhos no Debate Regional e no Jornal da Barra. Em 1979, lançou seu primeiro livro de poemas, *Terceiro filho*. No início dos anos 80, aproximou-se do grupo Quilombhoje e do debate em torno da literatura negra. Dedicou-se às questões sociais, principalmente no que se refere à afirmação da afrodescendência, chegando a se candidatar para o cargo de vereadora de sua cidade em 2000. Porém, não foi eleita. Em 1981, publicou dois contos no número 4 de *Cadernos Negros*, assim como seu segundo livro de poesia, fortemente marcado pelos tons de protesto e de afirmação identitária. Ao longo da década, ampliou sua presença no circuito literário brasileiro. Em 1988, participou da IV Bienal Nestlé de Literatura, dedicada ao Centenário da Abolição. Neste mesmo ano, a Fundação Nestlé publicou seu volume de contos *Leite do peito*. No ano seguinte, publicou a novela *A cor da ternura*, que recebeu os prêmios Jabuti e Adolfo Aisen.

Os livros mais conhecidos da autora apresentam caráter autobiográfico, dentre eles, *Leite do peito*. Em uma entrevista à revista americana *Callaloo*, Geni Guimarães declara:

Escrevi porque eu tinha que registrar a vivência de uma família negra, porque este livro é autobiográfico, eu precisava falar dos meus traumas, das minhas dores e das minhas alegrias, eu tinha que colocar isso pra fora.

Através dos relatos do mundo observado pela autora percebe-se o retrato das questões socioculturais no meio rural, como, por exemplo, quando exalta o comportamento de uma família negra que é profundamente marcada pelas ideologias da sociedade branca. Sua obra poética apresenta elementos distintos da prosa, porém os traços biográficos continuam presentes, o que pode ser observado pela linguagem que reflete a identidade feminina. Segundo Moema Parente Augel:

A autorreferencialidade, a intersubjetividade, o envolvimento afetivo, o registro confessional, a percepção interior em que o corpo, em vez de ser visto de fora, é expresso a partir de dentro, assim como a referência à realidade doméstica como realidade artística, são elementos característicos de uma escrita essencialmente feminina e dos quais podem-se encontrar abundantes exemplos nos versos de Geni Guimarães. (In: DUARTE, 2011. p. 279).

Na obra, o leitor encontrará uma acentuação positiva sobre a identidade étnica e de gênero, a partir de uma perspectiva relacionada com a contestação dos valores vigentes, o que está fortemente ligado à produção dos autores afro-brasileiros contemporâneos. Para a autora, escrever é um exercício emancipatório, ou seja, ela se vale do texto também como uma forma de libertar os seus ideais para a coletividade, como uma forma de não deixar que a voz da afrodescendência seja silenciada.

<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/267-geni-guimaraes>

CONCEIÇÃO EVARISTO



Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, em 1946. De origem humilde, migrou para o Rio de Janeiro na década de 1970. Graduada em Letras pela UFRJ, trabalhou como professora da rede pública de ensino da capital fluminense. É Mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, com a tese *Poemas malungos, cânticos irmãos* (2011), na qual estuda as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edimilson de Almeida Pereira em confronto com a do angolano Agostinho Neto.

Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra em nosso país, estreou na literatura em 1990, quando passou a publicar seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. Escritora versátil, cultiva a poesia, a ficção e o ensaio. Desde então, seus textos vêm angariando cada vez mais leitores. A escritora participa de publicações na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo estudados em universidades brasileiras e do exterior, tendo, inclusive, sido objeto da tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, publicada em livro em 2004, que faz um estudo comparativo da autora com a americana Alice Walker. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte.

Com uma narrativa não-linear marcada por seguidos cortes temporais, em que passado e presente se imbricam, *Ponciá Vicêncio* teve boa acolhida de crítica e de público. O livro foi incluído nas listas de diversos vestibulares de universidades brasileiras e vem sendo objeto de artigos e dissertações acadêmicas.

Em 2006, Conceição Evaristo traz à luz seu segundo romance, *Becos da memória*, em que trata, com o mesmo realismo poético presente no livro anterior, do drama de uma comunidade favelada em processo de remoção. E, mais uma vez, o protagonismo da ação cabe à figura feminina símbolo de resistência à pobreza e à discriminação. Em 2007, sai nos Estados Unidos a tradução de Ponciá Vicêncio para o inglês, pela Host Publications. Vários lançamentos são realizados, seguidos de palestras da escritora em diversas universidades norte-americanas. Já sua poesia, até então restrita a antologias e à série *Cadernos Negros*, ganha maior visibilidade a partir da publicação, em 2008, do volume *Poemas de recordação e outros movimentos*, em que mantém sua linha de denúncia da condição social dos afrodescendentes, porém inscrita num tom de sensibilidade e ternura próprios de seu lirismo, que revela um minucioso trabalho com a linguagem poética.

Em 2011, Conceição Evaristo lançou o volume de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*, em que, mais uma vez, trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo. Em 2013, a obra antes citada *Becos da memória* ganha nova edição, pela Editora Mulheres, de Florianópolis, e volta a ser inserida nos catálogos editoriais literários. No ano seguinte, a escritora publica *Olhos D'água*, livro finalista do Prêmio Jabuti na categoria “Contos e Crônicas”. Já em 2016, lança mais um volume de ficção, *Histórias de leves enganos e parecenças*.

Nos últimos anos, três de seus livros, que continuam recebendo novas edições no Brasil, foram traduzidos para o Francês e publicados em Paris pela editora Anacaona. Em 2017, o Itaú Cultural de São Paulo realizou a *Ocupação Conceição Evaristo* contemplando aspectos da vida e da literatura da escritora. No contexto da exposição, foram produzidas as *Cartas Negras*, retomando um projeto de troca de correspondências entre escritoras negras iniciado nos anos noventa. Em 2018, a escritora recebeu o Prêmio de Literatura do Governo de Minas Gerais pelo conjunto de sua obra. Em 2023, vem a público o volume *Macabea, flor de mulungu*, conto em que dialoga com *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. E ainda em 2023 foi agraciada com o Prêmio Intelectual do Ano, Concedido pela UBE – União Brasileira de Escritores. Em 8 de março de 2024, tomou posse como integrante da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira de número 40.

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>

JENYFER NASCIMENTO



Escritora, ativista, feminista. Jenyfer Nascimento nasceu em 1984, na cidade de Paulista, em Pernambuco. É produtora e apreciadora de arte, frequentadora assídua de saraus nas periferias de São Paulo. O desejo de escrever acontece de forma prematura, ainda na infância em suas viagens literárias. É na adolescência que começa sua escrita com letras de Rap, maneira que encontrou de canalizar suas revoltas, angústias e esperanças.

Participou da coletânea Sarau do Binho e tem poemas publicados na antologia *Pretextos de mulheres negras* (2013), coletânea que contou com a participação de vinte e duas autoras. Seu primeiro trabalho individual é *Terra fértil* (Editora Mjiba, 2014). Em suas 170 páginas, a autora aborda o tema do amor, como no poema “Samba jazz” em que trata de um encontro entre pessoas de diferentes classes sociais. Sua relação com a cidade, principalmente a de São Paulo, também é um tema muito recorrente em seu livro, “Reféns da cidade”, “Em cinzas”, “Rio-São Paulo”, são alguns desses poemas. Questões sociais, orgulho negro, vivência da mulher negra, também estão presentes em sua obra.

Carmen Faustino no prefácio do livro nos apresenta a autora como: mulher negra periférica, escritora, mãe, estudante, educadora, boêmia, raiz, ventania e liberdade... E mulheres negras são assim, escrevem, amam e lutam! Assim, tudo ao mesmo tempo, até porque para nós foi negado o direito à escolha, à dúvida e ao tempo do

conhecimento. E, ainda assim estamos em todos os cantos, espalhando sementes férteis de amor e luta; e mesmo invisíveis, a literatura negra feminina resiste, pois é forte e viva. Escrita que grita para expurgar tudo aquilo que não querem ouvir, que soa leve e implacável aos ouvidos, alertando que o afeto e o acalanto também é um direito nosso e que reflete sobre nosso valor ancestral, beleza e realeza herdada, que nunca de nós será tirada.

Essa figura humana, sensível e questionadora permeia toda a obra, na qual a vivência com o mundo e sua relação com a experiência das mulheres negras se transforma em poesia de luta e afirmação, por meio de uma linguagem leve, sem deixar de discutir temas relevantes na sociedade contemporânea.

PUBLICAÇÕES

Obra individual

Terra fértil. São Paulo: Mjiba, 2014.

Antologia

Pretextos de Mulheres Negras. São Paulo: Mjiba, 2013.

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/1067-jenyffer-nascimento>

CAROLINA MARIA DE JESUS



Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento-MG, em 14 de março de 1914, filha de negros que migraram para a cidade no início das atividades pecuárias na região. Oriunda de família muito humilde, a autora estudou pouco. No início de 1923, foi matriculada no colégio Allan Kardec – primeira escola espírita do Brasil –, na qual crianças pobres eram mantidas por pessoas influentes da sociedade. Lá estudou por dois anos, sustentada pela Sra. Maria Leite Monteiro de Barros, para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira.

Mudou-se para São Paulo em 1937, quando a cidade iniciava seu processo de modernização e assistia ao surgimento das primeiras favelas. Carolina e seus três filhos – João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima – residiram por um bom tempo na favela do Canindé. Sozinha, vivia de catar papéis, ferros e outros materiais recicláveis nas ruas da cidade, vindo desse ofício a sua única fonte de renda. Leitora voraz de livros e de tudo o que lhe caía nas mãos, logo tomou o hábito de escrever. E assim iniciou sua trajetória de memorialista passando a registrar o cotidiano do “quarto de despejo” da capital nos cadernos que recolhia do lixo e que se transformariam mais tarde nos “diários de uma favelada”.

A escritora foi "descoberta" pelo jornalista Audálio Dantas, na década de 1950. Carolina estava em uma praça vizinha à comunidade, quando percebeu que alguns adultos estavam destruindo os brinquedos ali instalados para as crianças.

Sem pensar, ameaçou denunciar os infratores, fazendo deles personagens do seu livro de memórias. Ao presenciar a cena, o jovem jornalista iniciou um diálogo com a mulher que possuía inúmeros cadernos nos quais narrava o drama de sua indignação e o dia a dia do Canindé. Dantas de imediato se interessou pelo “fenômeno” que tinha em mãos e se comprometeu em reunir e divulgar o material.

A publicação de Quarto de despejo deu-se em 1960, tendo o livro uma vendagem recorde de trinta mil exemplares, na primeira edição, chegando ao total de cem mil exemplares vendidos, na segunda e terceira edições. Além disso, foi traduzido para treze idiomas e distribuído em mais de quarenta países. A publicação e a tiragem dos exemplares demonstram o interesse do público e da mídia pelo ineditismo da narrativa.

Carolina publicou ainda mais três livros: Casa de Alvenaria (1961), Pedacos de Fome (1963), Provérbios (1963). O volume Diário de Bitita (1982), publicação póstuma também oriunda de manuscritos em poder da autora, foi editado primeiramente em Paris, com o título Journal de Bitita, que teria recebido, a princípio, o título de Um Brasil para brasileiros. Em 1997, o pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy, autor do volume crítico Cinderela negra, em que discute a vida e a obra da autora, reuniu e trouxe a público um conjunto de poemas inéditos com o título de Antologia pessoal. Todavia, nenhuma destas obras conseguiu repetir o sucesso de público que Quarto de despejo obteve. De acordo com Carlos Vogt (1983), Carolina Maria de Jesus teria ainda deixado inéditos dois romances: Felizarda e Os escravos. Mas há outros, há exemplo de Dr. Sílvio, além de contos, peças de teatro, letras de música, e escritos esparsos, cujos originais fotocopiados encontram-se já digitalizados e disponíveis para pesquisa no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, fruto de doação do pesquisador José Carlos Sebe Bom Meihy.

Em 13 de fevereiro de 1977, a autora faleceu em um pequeno sítio, na periferia de São Paulo, quase esquecida pelo público e pela imprensa. Mais recentemente, e para além do interesse despertado pela trajetória de vida, seus escritos vêm sendo objeto de artigos, dissertações e teses, em função da abertura propiciada pelos novos rumos tomados pelos estudos literários no país e no exterior, que passam a ver com outros olhos a chamada “escrita do eu”. Nesse contexto, o conjunto de escritos ainda não publicados deixados pela autora vêm despertando interesse não apenas do mundo acadêmico, mas igualmente do mercado editorial. Além das publicações póstumas das décadas de 1980 e 1990, em 2014 foi editada a coletânea Onde estaes felicidade? e, em 2018, Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos. E, já partir de 2021, os escritos carolineanos estarão disponibilizados por uma grande editora também em E-book.

<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>

KIUSAM DE OLIVEIRA



Nascida em Santo André-SP, Kiusam Regina de Oliveira é Professora da Universidade Federal no Espírito Santo. Possui Mestrado em Psicologia e Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo, sendo também Especialista em Educação Especial. Educadora há vinte e cinco anos, com experiência desde a educação infantil até o ensino superior. Arte-educadora, atuou como orientadora pedagógica do projeto Geração XXI, o primeiro de Ação Afirmativa do país. Foi Chefe de Educação Especial do município de Diadema-SP de 2005 a 2008. Assessorou a implementação da Lei 10.639/03 em Diadema, de 2005 a 2016. Em 2010 e 2011, atuou como assessora na Secretaria de Cultura de Diadema nos assuntos da cultura voltada para as questões de gênero e raça, tendo como foco a dança. Em 2013, assessorou a PMSP-DOT-P-Guaianases para a implementação da lei 10.639/03 na região. Em 2010, representou o Brasil no FESMAN – Festival Mundial de Artes Negras –, no Senegal. É Iyalorixá. Integrante da ONG Olhares Cruzados. Artista multimídia e coreógrafa, tem palestrado pelo Brasil sobre a temática das relações étnico-raciais, focando em: candomblé e educação; corporeidade afro-brasileira; danças afro-brasileiras e cultura; e Lei 10.639/03. Nessa linha, tem ministrado oficinas sobre Corporeidade Poética, racismo e gênero. Criadora e diretora do programa de rádio Povinho de Ketu – as africanidades brasileiras no ar, transmitido por rádios públicas nacionais. Contadora de histórias da mitologia afro-brasileira. Escritora.

Em 2009, publicou pela editora Mazza Omo-Oba: histórias de princesas, no qual recupera os mitos dos orixás femininos como princesas aproximando-as do universo feminino negro do passado e da contemporaneidade. O livro obteve boa recepção crítica, tendo sido recomendado em 2010 pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ – e selecionado em 2011 para integrar o acervo do PNBE – Plano Nacional da Biblioteca Escolar.

Em 2013, a autora retorna ao universo infantil com o livro O mundo no black power de Tayó, editado pela Peirópolis. O texto tem como centro das atenções uma menina de seis anos e seu belo cabelo black power, que é relacionado ao universo da memória ancestral africana e às tradições culturais vigentes na diáspora. E novamente emerge a valorização do corpo e da identidade negra como forma de questionamento de estereótipos racistas.

Em 2014, pela mesma editora, lança O mar que banha a ilha de Gorè, texto que aborda a história do tráfico de seres humanos escravizados no processo de colonização europeia das Américas. A narrativa tem como protagonista uma menina de nove anos que viaja ao Senegal, especificamente para a ilha de Gorè, conhecido entreposto de onde vieram centenas de milhares de africanos vendidos como mercadoria. O texto volta ao passado de angústias e sofrimentos a partir de uma perspectiva identificada às vítimas e traduz o fato histórico numa linguagem acessível ao leitor iniciante. Como os anteriores, O mar que banha a ilha de Gorè é valorizado por ilustrações de extremo bom gosto que o embelezam e chamam a atenção para os fatos narrados.

A propósito, afirma a autora no paratexto inserido neste último volume: “nos livros que escrevo, procuro voltar meu olhar para o processo de construção de identidades infantis e juvenis saudáveis, buscando contribuir para uma educação antirracista e para o empoderamento feminino”.

Tal procedimento permeia de fato toda a sua obra, marcada pela representação do universo africano e afro-brasileiro de maneira lúdica e pelo propósito de cativar e prender a atenção das crianças de todas as cores e idades, numa postura de respeito e valorização da alteridade – atitudes mais do que necessárias nesse começo de século marcado pela intolerância para com as diferenças étnicas e sociais.

TECENDO LEITURA DE LITERATURA NEGRA: FIOS DE UMA NARRATIVA AFETIVA E REFLEXIVA

A proposta deste caderno de atividades é fundamentada na ideia de que a leitura é uma prática social e o texto literário de escritoras negras é um instrumento de ensino. O letramento literário é um dispositivo que permite que os estudantes leiam o mundo de forma crítica. O letramento racial é um conjunto de práticas pedagógicas cujo objetivo é ensinar, através da literatura negra, como construir criticidade a respeito dessa realidade em que estão inseridos (Ferreira, 2015)

A escolha pela discussão sobre letramento racial, neste estudo, se deu por corroborar com a afirmação de Ferreira (2015) de que esse tipo de letramento, além de nos fazer refletir sobre raça e racismo:

[...] nos possibilita ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, seja no ambiente escolar, universitário, seja em nossas famílias, seja nas nossas relações sociais. [...] o letramento racial crítico na minha prática pedagógica é de extrema relevância para que assim possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade (Ferreira, 2015, p. 138).

Diante do exposto, é importante explicar que nessa proposta será apresentada estratégias de leitura por meio da leitura de textos literários de escritoras negras brasileiras visando ao processo de construção do letramento literário, bem como reflexão sobre raça e racismo, a fim de possibilitar o desenvolvimento do letramento racial e promover uma mudança social por meio da leitura de textos literários de escritoras negras brasileiras.

Para tanto, serão utilizadas estratégias de leitura planejadas, utilizando uma metodologia que assegure a interação discente durante a leitura do texto literário e que viabilize a intervenção docente como mediadora do processo de leitura na reconstrução de sentidos do texto.

Segundo as autoras Ana Aparecida Vieira Moura e Luzineth Rodrigues Martins (2012),

O trabalho de mediação de leitura exige a compreensão da leitura como uma atividade social, dinâmica que exige do leitor, além de conhecimentos linguísticos, experiências de mundo para processar as informações contidas no texto. (Moura; Martins, 2012, p.88-89).

A mediação de leitura é constante nesse processo de interação, visto que o mediador auxilia o/a leitor/a no desenvolvimento de habilidades voltadas para aquela atividade. Por se tratar de uma proposta para turma de 6º ano, ensino fundamental, anos finais, a sequência básica

sugerida por Cosson (2014), bem como as estratégias de leitura sugeridas por Isabel Solé (1998), contribuíram para a organização das atividades.

Partindo do princípio de que não existe uma única forma de ensinar e aprender, a proposta, aqui, sugerida configura-se como uma possibilidade de o/a professor/a e aluno/a compartilharem saberes a partir da construção de sentidos suscitados pelos textos, considerando suas narrativas e vivências, daí a relevância de adaptarmos as sugestões que melhor se adequam ao perfil de nossa turma e escola, privilegiando objetivos e estratégias de leitura.

De acordo com Isabel Solé (1998):

para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas. (Solé, 1998, p.23).

Assim, a relevância de organizarmos sequências de atividades baseadas nos textos, nesse caso, de escritoras negras brasileiras, tendo em vista que é possível fazermos previsões sobre informações proporcionadas pelo texto, considerando o contexto e o nosso conhecimento sobre a leitura e o mundo, em geral, são relevantes para construir uma interpretação e compreendermos como o contato com a literatura negra pode potencializar reflexões acerca do racismo e desenvolvimento do letramento racial. Por isso, os objetivos de leitura e os conhecimentos prévios do(a) leitor(a) desempenham um papel importante nesse cenário.

É urgente a necessidade de práticas pedagógicas que propiciem o rompimento do silenciamento no que diz respeito ao racismo que se manifesta no cotidiano escolar e que proponham o letramento racial crítico para se repensar as práticas de ensino na sala de aula, seus objetivos, bem como formas de agir reflexivamente, porque para Ferreira (2015, p. 36):

[...] para termos uma sociedade mais justa e igualitária, temos que mobilizar todas as identidades, ou seja, a identidade racial branca e a identidade racial negra para refletir sobre raça, racismo e possíveis formas de letramento racial crítico e fazer um trabalho crítico no contexto escolar em todas as disciplinas do currículo escolar. Também é necessário trazer estas discussões para a área de línguas, pois a área de linguagem também é responsável por educar cidadãos que sejam críticos e reflexivos sobre como o racismo está estruturado na sociedade.

Nessa perspectiva, a educação antirracista traz uma abordagem que propiciará discussões e reflexões sobre igualdade racial e étnica, justiça, poder, questões referentes à exclusão. Além disso, possibilita um trabalho que respeita as diferenças, combatendo atitudes preconceituosas e discriminatórias na sociedade e no ambiente escolar, já que o currículo tende

a priorizar o ensino da história crítica de diversos grupos, bem como o reconhecimento positivo da diversidade racial.

Ainda sobre o ensino numa perspectiva antirracista, Djamilia Ribeiro(2019 explica que:

um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades. (Ribeiro, 2019, p. 41- 42).

Assim, produzir atividades de leitura de literatura de escritoras negras brasileiras configuram-se como um começo dessa transformação de um currículo para uma educação antirracista com vistas a fortalecer a cultura do povo negro, bem como, a redução das desigualdades.

Nesse sentido, com exceção do primeiro encontro, as oficinas de leitura de literatura negra estão organizadas em 07 encontros de 4 horas/aulas para cada um deles, considerando que cada aula tem 50 minutos. E as escolhas dos textos literários priorizam obras de escritoras negras brasileiras. Além disso, não há uma distribuição por unidade didática, visto que a realidade de cada escola, turma e professor/a é particular, por isso, deve-se considerar as devidas adequações ao contexto em que se pretende realizar as oficinas, no entanto, é preciso potencializar ao longo do ano letivo o trabalho na perspectiva étnico-racial.

Cada Encontro está organizado em:

- objetivos;
- roda de conversa: mobilização de conhecimentos prévios;
- leitura silenciosa;
- leitura em voz alta pela professora;
- leitura colaborativa;
- dialogando sobre o texto;
- sistematização;
- momento de escrevivência.

Dessa forma, os seguintes momentos foram estruturados para sintetizar os encontros:

Momento I: Mobilização de conhecimentos prévios

No primeiro encontro, o/a professor/a deve compartilhar a proposta de trabalho a ser desenvolvida com os/as estudantes, mencionando a sua relevância para a construção de um

leitor crítico. Numa roda de conversa, o/a professor/a precisa apresentar algumas perguntas referentes ao estudo de literatura negra de obras de escritoras negras brasileiras com intuito de conhecer o que os/as estudantes sabem sobre literatura, literatura negra, racismo, tipos de racismo, preconceito, raça, bem como, a organização do portfólio de leitura.

Além disso, com os/as estudantes, o/a professora pode visitar a sala de leitura para que possam conhecer outras obras de escritores/as negros/as a fim de despertar a curiosidade e o interesse por esses livros, e, assim, livremente, aqueles/as estudantes que quiserem, poderão escolher uma obra para levar para casa e ler sem compromisso de responder uma tarefa, ou seja, ler apenas por fruição.

Observação: A visita deve ocorrer se a escola tiver biblioteca ou sala de leitura. Caso não tenha nenhuma das opções, é possível ao longo do ano letivo a escola organizar um espaço (pode ser na sala de aula) em que criem um acervo com esse tipo de literatura. Pode ser um baú ou uma caixa decorada pelos/as estudantes com o tema do projeto; um varal com livros; um painel com bolsos para colocar os livros, dentre outros.

O importante é criar um espaço de leitura onde haja obras de escritores/as negros/as para ampliar o repertório dos/as alunos/as, bem como, fortalecer práticas pedagógicas segundo a lei 10.639/03 ao longo do ano letivo.

2.1 OFICINA I : Literatura negra e escritoras negras brasileiras – o começo de uma parceria

1º encontro

Objetivos:

- a) Discutir e conhecer o tema das oficinas e anunciar as autoras que farão parte do repertório de leitura de literatura negra.
- b) Saber quais e quantas escritoras negras os/as alunos/as conhecem ou já ouviram falar.

1º momento

- Organização da sala: semicírculo

Roda de conversa

- **Mobilização de conhecimentos prévios**
- O/A professor/a deve levar um painel com imagens de escritoras negras (Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Livia Natália, Cristiane Sobral, Jarid Arraes, Sirlene Barbosa, dentre outras) para a sala de aula e prenderá no quadro.
- Depois, solicite que os alunos respondam as seguintes perguntas:
 - Das imagens que aparecem no painel, alguém saberia dizer se são conhecidas?
 - Para você, qual seria a profissão dessas mulheres?
- O/A professor/a fará a leitura dos nomes das escritoras. Depois, fará a seguinte pergunta:
 - Você já leu ou ouviu falar de algumas delas? Se sim, mencione o que sabem sobre ela(s).

2º momento:

- Após o 1º momento, o/a professor/a deve apresentar o título do projeto e fará as seguintes perguntas:
 - Para você, o que é um texto literário?
 - E textos literários de autoras negras, você conhece algum? Justifique a sua resposta.
 - Para você, é importante ler esse tipo de texto na escola? Por quê?

3º momento:

➤ O/A professor/a deve distribuir um questionário, que se encontra após o item “Sistematização”, para os alunos responderem às questões sobre a temática das oficinas.

Sistematização

➤ Na roda de conversa, o/a professor/a deve explicitar o objetivo das oficinas. Após esse momento, fará a seguinte dinâmica:

Sugestão:

- Numa caixa com um círculo no meio, do tamanho que os/as alunos/as possam colocar a mão, o/a professor/a deve pedir que cada estudante retire um bombom e aguarde o próximo comando.
 - Colado nas balas terão as seguintes palavras: leitura, literatura, literatura negra; racismo; raça, autoras negras.
 - O/A professor/a deve pedir que os alunos se organizem em grupos segundo as palavras que tiverem iguais. Depois, discutirão sobre essa palavra para ser apresentada a conclusão do grupo na roda de conversa.
 - Após a interação na roda de conversa, o/a professor/a se achar necessário pode retomar alguns desses conceitos apresentados pelos/as estudantes
- Ao final, cada aluno registrará na segunda folha de seu portfólio suas impressões sobre o primeiro encontro.

QUESTIONÁRIO

Objetivos:

As questões propostas abaixo têm por objetivos:

- Conhecer um pouco sobre você, que é aluno do ensino fundamental anos finais.
- Utilizar esse conhecimento como objeto de estudo para a elaboração de um planejamento adequado às suas necessidades de aprendizagem.
- Saber a respeito de experiências de leitura de literatura dos/as alunos/as, especialmente, literatura negra de escritoras brasileiras para que o/a professor/a possa organizar aulas na perspectiva antirracista.

Orientações:

- Responda às questões com calma, procurando ser sincero/a e expondo a sua opinião sobre os assuntos constantes no questionário.
- Este questionário não tem valor de nota para a unidade didática, mas é muito importante para estudarmos sobre letramento literário e letramento racial crítico e, assim, ampliarmos o nosso repertório de leitura de escritoras negras brasileiras
- Utilize caneta azul ou preta.

Parte I

1. Qual o seu nome completo?

R. _____

2. Qual sua data de nascimento?

R. _____

3. Em que cidade e estado você nasceu?

R. _____

4. Em que bairro mora?

R. _____

5. Com quem você mora?

R. _____

6. Você se considera

() Amarelo/a

() Branco/a

() Indígena

() Preto/a

() Pardo/a

Parte II

1. O que você mais gosta de fazer quando não está na escola?

R. _____

2. Você gosta de ler? (Marque apenas uma alternativa)

Sim

Não

2.1 Justifique a resposta da questão anterior.

R. _____

3. O que você mais gosta de ler?

Revistas

Livros didáticos

Livros religiosos

Livros paradidáticos(contos, mitos, lendas, fábulas, romance, tirinhas)

Jornais

Panfletos

Revista em quadrinhos

Facebook

Outros.

Quais? _____

4. Quando você quer ler, que assunto(s) mais lhe interessa(m)?

Esporte

Moda

Ficção

Religião

Mitologia

Jogos

Outros

Quais?

R. _____

5. Onde você tem maior contato com a leitura?

Na biblioteca

Na casa de outras pessoas

Na escola

Na igreja

Em sua própria casa

Outros lugares

Quais? _____

6. Na escola, você tem aulas de “leitura”? (Marque apenas uma alternativa)

Sim

Não

6.1 Como são essas aulas?

6.1 Como são essas aulas?

Divertidas

Cansativas

Interessantes

Desinteressantes

Chatas

Emocionantes

Explique:

R. _____

7. Em seu círculo de amizades/convivência, as pessoas têm o costume de ler?

(Marque apenas uma alternativa)

Sim

Não

7.1 Quem são essas pessoas?

R. _____

7.2 O que elas costumam ler?

R. _____

Parte III

1. Você conhece alguma escritora brasileira negra?

Sim

Não

1.1 Se você conhece, consegue lembrar o(s) nome(s) dela(s)?

R. _____

1.2 Se ainda não conhece texto de escritora brasileira negra, teria interesse em conhecê-lo?

Sim

() Não

1.3 Você sabe se alguém, que mora com você, conhece algum texto de escritora brasileira negra? Se sim, quem conhece e qual(quais) autora(s)?

() Sim

() Não

R. _____

2. Na escola, você já ouviu ou leu algum texto de escritora brasileira negra?

() Sim

() Não

2.1 Se você já leu, consegue lembrar o nome de alguma personagem ou livro?

() Sim

() Não

Qual(ais) ? _____

3. Você acha importante conhecer escritoras brasileiras negras?

() Sim

() Não

Explique a sua resposta.

R. _____

Após o primeiro encontro, o segundo momento intitulado “Tecendo leituras”, são de oficinas centradas nas leituras de literatura negra de escritoras brasileiras. Para isso, serão organizados sete encontros de 4 horas/aulas, dependendo da necessidade da turma, a fim de atividades de leitura para desenvolver ampliação da competência leitora de base antirracista. Por isso, não há uma organização fixa por unidade letiva para realizar as oficinas, ou seja, cada professor/a deve estruturar os encontros de acordo com as necessidades de sua turma.

Dentro desse percurso, a tessitura será apresentada da seguinte forma:

2.2 OFICINA II: *FLUTUANDO COM GENI*

Momento II: Tecendo leituras

Livros–Leite do peito (2001) e Poemas do regresso (2020) - Geni Guimarães

Nesta oficina, a atividade de leitura deve ser com o conto “Força Flutuante” retirado do livro “Leite do peito”, da autora Geni Guimarães (2001), com intuito de mostrar como a personagem pode enfrentar o racismo e como é possível desconstruir estereótipos. Depois, no segundo momento, o poema “Reforma” do livro Poemas do regresso(2020), da mesma autora, nessa etapa o trabalho deve ser encerrado com a discussão em torno da esperança e do amor como uma construção de diariamente e como estímulo para lutar pelos direitos de viver com dignidade.

2º encontro:

Texto: “*Força flutuante*” de Geni Guimarães (2001)

Duração: 4h/aula–200 minutos(distribuídos conforme a realidade da sala de aula de cada professor/a).

Recursos: Projetor para exibir as imagens ou cartaz; livro “Leite do peito”; cópias do conto “Força flutuante”; portfólio; lápis de cor; giz de cera; lápis; caneta, papel metro.

Organização da sala: semicírculo

Objetivos:

- Compreender os elementos da narrativa, dando ênfase a narradora personagem na construção de sua subjetividade.
- Refletir acerca da construção e desconstrução de estereótipos da personagem negra no conto “Força flutuante”, de Geni Guimarães.
- Perceber a humanização da personagem negra sendo construída no decorrer do conto “Força flutuante” de Geni Guimarães.

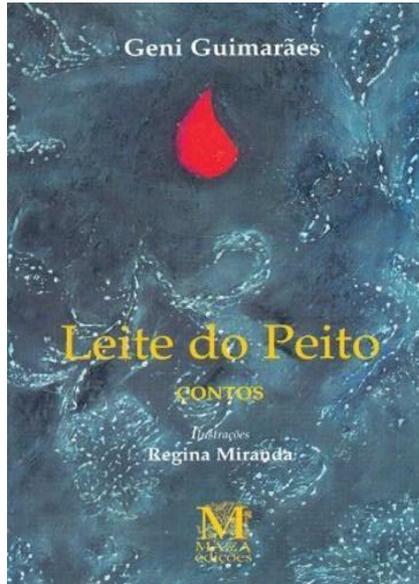
Observação: Professor/a, para as oficinas, a sala deve estar previamente organizada em semicírculo.

Roda de conversa

▪ **Mobilização de conhecimentos prévios**

✓ O/A professor/a deve apresentar para os/as alunos/as a capa do livro “Leite do peito”, de Geni Guimarães (2001), com os seguintes questionamentos:

Figura 6: Capa do livro “Leite do peito”



Fonte: google fotos

- ✓ O que a imagem do livro sugere?
- ✓ Você teve alguma sensação, sentimento ao observar a capa do livro?
- ✓ E o título do livro, lembra alguma coisa, alguém, algum momento para você?
- Após esse momento, o/a professor/a deve apresentar uma imagem da escritora Geni Guimarães e fazer as seguintes perguntas:
 - ✓ O que mais lhe chamou a atenção nessa imagem?
 - ✓ Quem você acha que é essa mulher?
 - ✓ Você já ouviu falar de Geni Guimarães?
 - ✓ Apresentar a imagem da escritora e falar sobre a vida dela.

Figura 7: Geni Guimarães



Fonte: <https://ogimg.infoglobo.com.br/in/24619549-005-a53/FT1086A/Geni-GuimaraescreditoItauSocial-Camilla-Kinker15A4387.jpg>

Depois desse momento, o/a professor/a deve mostrar a imagem que ilustra o conto “Força flutuante”.

Figura 8: Imagem que ilustra o conto “Força flutuante”



Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/textos-literarios/>

- ✓ O que mais lhe chamou a atenção nessa imagem?
 - ✓ A imagem despertou em você algum sentimento ou sensação?
 - ✓ E um texto cujo título é “Força flutuante? Você acha que vai falar de quê?
 - ✓ Você sabe o que significa a palavra “flutuante”?
 - ✓ Para você, quando uma força pode ser flutuante?
 - ✓ Você acha que esse texto é uma música? Um poema? Um conto?
- O/A professor/a deve anotar no quadro algumas hipóteses levantadas pelos/as alunos/as sobre o título do texto e, ao final da oficina, fazer a mediação para confirmá-las ou não.
 - Leitura silenciosa do texto pelo(a) aluno(a).

Leitura colaborativa

- **Leitura em voz alta pelos/as alunos/as** (Professor/a deve perguntar se alguém gostaria de ler ou pode escolher algumas pessoas).
- ✓ Depois, as seguintes perguntas serão feitas pelo/a professor/a:
- ✓ Vocês gostaram do texto? O que mais lhe chamou a atenção?
- ✓ E agora, é possível afirmar se o texto é uma música, poema ou conto?
- ✓ Que elementos você identificou no texto para descobrir?

Dialogando sobre o texto

- **Etapa 1 : Elementos da narrativa e a subjetividade da narradora personagem**

- O/A professor/a deve falar para os/as alunos/as que o texto “Força flutuante” é um conto porque é uma narrativa curta envolvendo personagens num determinado lugar e tempo, tendo um conflito vivenciado pelas personagens ?

Observação: Professor/a, seria interessante algumas aulas que antecedem as oficinas, trabalhar ou revisar alguns gêneros textuais que fazem parte dos conteúdos de 6º ano e que aparecerão nos encontros, contudo, gostaria de ressaltar que a preocupação, aqui, não é discutir os gêneros textuais, e sim, o letramento literário e o letramento racial crítico.

- ✓ Quem são as personagens que participam da história? E a narradora participa da história?
- ✓ Se a narradora só contasse a história sem participar, você acha que mudaria alguma coisa? Na sua opinião, o que mudaria?
 - ✓ Onde se passa a história ? Você acha que o lugar é importante nessa história? Por quê?
 - ✓ Qual foi o problema vivenciado pela professora?

➤ **Etapa 2: A construção de estereótipo da personagem negra**

- ✓ Para você, o que significa “engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito”
- ✓ Por que a diretora e as mães olhavam de forma duvidosa para a professora?
- ✓ Por que a narradora personagem (a professora) disse que só faltaram pedir seu certificado de professora?
- ✓ Você acha que existe essa desconfiança por quê?
- ✓ Como era a menina que não queria entrar na sala?
- ✓ “Eu tenho medo de professora preta” – O que essa fala revela sobre a imagem que essa criança tem da professora?
- ✓ Você acha que a “cor” de uma pessoa pode causar medo?
- ✓ Na sua opinião, por que essa criança sente medo de uma “pessoa preta”? Será que ela já nasceu com esse medo ou isso foi construído por alguém para que ela tivesse esse medo?
- ✓ Por que a professora disse que tinha “tanto medo e doce misturados” na fala da menina?
- ✓ Você sabe dizer o que significa a expressão “desarmou-me” que aparece no texto?

Etapa 3: Desconstruindo estereótipos

- ✓ “A professora procurou argumentos”. Você sabe o que significa a palavra “argumentos”? Explique.
- ✓ Qual a sua opinião sobre a atitude da professora com relação à fala da menina?

- ✓ “Não faz mal. Eu a coloco na classe de outra professora.” Você acha que a solução da diretora foi a melhor? Qual seria outra forma de resolver esse problema?
- ✓ No decorrer da história, percebemos o comportamento da professora em relação à menina. Você acha que o modo como a professora agiu fez com que a menina perdesse o medo? Por quê?
- ✓ Você acha que seria possível encontrarmos uma história em que uma menina negra falasse que tinha medo da professora porque ela era branca? Por quê?
- ✓ O que você achou do final da história? Você se surpreendeu? Por quê?
- ✓ Alguma vez em sua vida, você já passou por uma situação de racismo? Como você descobriu que era racismo? Como você se sentiu?
- ✓ Você já presenciou alguma cena de racismo vivenciada por alguém? Como a pessoa ficou?
- ✓ Você acha que alguém deve ser desrespeitado, agredido verbalmente e/ou fisicamente porque ela não tem a mesma cor da outra pessoa, ou cabelo, jeito de falar, de se vestir, ou seja, pelo seu jeito de ser? Comente.

Sistematização

- ✓ A professora retoma as hipóteses levantadas pelos alunos para confirmá-las ou não.
 - Após esse momento, o/a professor/a deve pedir aos/às alunos/as que falem sobre:
- ✓ as opiniões das pessoas sobre as outras baseando-se no tipo físico, na cor da pele, não se preocupando sequer em conhecê-las.
- ✓ Além disso, o que acharam do comportamento da professora e da criança em relação a ter medo de alguém devido à cor da pele.
- ✓ “O medo pode ser definido pela cor de alguém”?
- ✓ Como o texto desconstrói a ideia de que a pessoa negra dá medo?
- ✓ Qual a sua opinião sobre preconceito, discriminação e racismo?
 - Ao final, o/a professor/a deve sistematizar as discussões retomando conceitos sobre preconceito, estereótipo, discriminação e racismo ou outros pontos que achar relevante para sua turma.

Momento de escritvência

✓ Em dupla, ou individual, solicitar que os alunos elaborem cinco perguntas para a autora sobre o texto lido.

Sugestão: Imagine que você tem um encontro com a autora “Geni Guimarães”, quais perguntas você faria para ela sobre o texto “Força flutuante”?

✓ Ao final, cada aluno/a pode registrar em seu portfólio suas impressões sobre o encontro. Esse registro pode ser por meio de desenho, palavras, frases ou textos.

✓ Para encerrar o encontro, a professora deve distribuir para a turma o poema “Reforma” de Geni Guimarães e depois fazer a leitura em voz alta. Em seguida, pede que cada aluno/a registre no mural palavras que representam seus sentimentos referentes ao poema e a participação na oficina.

Texto 1

FORÇA FLUTUANTE

Geni Guimarães

Com o certificado na bolsa, saí para procurar emprego.

Consegui uma substituição numa escola para o ano todo: dar aulas numa classe de primeira série que “havia sobrado”, pois as professoras efetivas no cargo, já haviam optado por alunos maiores e em processo de alfabetização mais avançado.

No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que, incrédulas, cochichavam e me despiam com intenções veladas.

Só faltaram pedir-me o certificado de conclusão, “para simples conferência”.

Deram o sinal de entrada. E os meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados.

Só uma menina clara, linda, terna empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aulas.

— Eu tenho medo de professora preta — disse-me ela, simples e puramente.

Tanto medo e doce, misturados, desarmou-me. Procurei argumentos:

— Vou contar pra você historias de fadas e...

— O que aconteceu? — Era a diretora, que devido ao policiamento chegou na hora h.

Contei-lhe o ocorrido e ela prontamente achou a solução:

— Não faz mal. Eu a coloco na classe de outra professora de primeira.

Reagi imediatamente. Acalmei-me e socorri-me:

— Por favor. Deixe que nós nos possamos conhecer. Se até a hora da saída ela não entrar, amanhã a senhora pode levá-la.

A diretora aceitou minha proposta e saiu apressada.

Vi, então, que era muito pouco tempo para aprovar a tão nova gente minha igualdade, competência. Mas algum jeito deveria existir.

Eu precisava. Precisava por mim e por ela.

Os outros aluninhos se impacientaram e eu comecei meu trabalho, com a pessoinha ali em pé na porta, me analisando, coagindo, com os olhinhos lacrimosos, vivos, atentos. Pedia explicações, punha prelo e tinha pressa.

Assim prensada, fui até a hora do intervalo para o lanche, falando. Olhava para a classe, mas falava para ela. Inventei o primeiro dia de aula sonhando na minha infância conturbada.

Alegria de aprender, desenhar. Sabores gostosos dos lanches, brincadeiras e cantos brincados nas mentiras inocentes, quando sonhar era pensar que acontecia.

Na hora do recreio, enquanto os outros professores tomavam o cafezinho e comentavam o andamento das aulas, eu fiquei no pátio.

Talvez ali se me apresentasse alguma ideia.

Vi-a entre as outras crianças. Aproximei-me e pedi a ela um pedaço do lanche. Deu-me indecisa, meio espantada.

Resolvi dar mais um passo.

— Gostaria que você entrasse na classe depois. Assim você senta na minha cadeira e toma conta da minha bolsa enquanto eu trabalho.

Saí sem esperar resposta. Medo.

Logo mais retornamos à sala de aulas.

Ela sentou-se na minha cadeira, seu material ao lado do meu. “Precisei” de uma caneta.

Pedi-lhe. Abriu minha bolsa como se arrombasse cofre, pegou e entregou-me a caneta solicitada. Meio riso na boca.

Durante a aula, pedi que levantasse a mão quem soubesse desenhar.

Todos levantaram as mãozinhas. Constatei. Ela também sabia.

Desenhou um cachorro retangular e sem rabo.

— Seu cachorro é uma graça — disse-lhe rindo. — Ele não tem rabo?

— Não é meu. É da minha avó. Quando meu avô bebe e fica bravo, ele corre e enfia o rabo no meio da perna.

Baixou a cabeça e pintou o cachorro de azul.

Ao término das aulas, arrumou o material sem pressa. Percebi-a amarrando os passos e tentando ficar afastada das outras crianças.

Alguma coisa tinha para me dizer. Impacientei-me. Sabia que, fosse o que fosse, eram respostas às minhas perguntas indiretas.

Decidiu a hora, segurou na minha saia e pediu:

— Amanhã você deixa eu sentar perto da minha prima Gisele? De lá mesmo, eu cuido da bolsa da senhora. Amanhã eu vou trazer de lanche pão com manteiga de avião, a senhora gosta de lanche com manteiga de avião na lata?

— Adoro.

— Vou dar um pedaço grandão pra senhora, tá?

— Obrigada.

Combinamos.

— Até amanhã! — eu.

— Até amanhã! — ela.

In: Geni Guimarães. Leite do peito: contos. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2001, pp. 99-104.

Geni Mariano Guimarães é professora, poeta e escritora. Nasceu no município de São Manuel (SP), em 8 de setembro de 1947. Iniciou a carreira literária escrevendo para jornais no interior paulista, onde envolveu-se com questões socioculturais do campo e começou sua reflexão em torno da literatura negra. Escreveu vários livros, entre eles: Terceiro filho (poemas), Balé das emoções (poemas), A dona das folhas (infantil), A cor da ternura (contos), Leite do peito

(contos), O rádio de Gabriel (infantil), Aquilo que a mãe não quer (infantil), O pênalti (infantil) e Poemas do regresso (poemas). Também publicou na série Cadernos Negros e participou de algumas antologias.

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/forca-flutuante/>

Texto 2

Poema – Reforma

É preciso arrumar o peito,
Preservar o jeito de ser feliz.
Difundir o amor que dá rumo à vida,
e plantar no coração do homem
felicidades sem desespero.

É preciso impregnar a terra,
de paz e harmonia,
viver o dia a dia em constante construção.

Ser útero fértil,
pulmão e ventre,
recheados de certezas quentes
de um amanhã pleno de estrelas e luz.

É preciso derrubar muros, desativar cadeias,
varrer do ser o velho ranço,
triturar as teias,
que nos mesclam o desejo de ser bom.

Tatuar nas consciências
o direito de ser vivo com dignidade,
implantar nas almas das cidades
a leveza da fé
e a verdade fácil do sorriso.

GUIMARÃES, Geni. Poemas do regresso. Malê, 2020, p. 27-28

2.3 OFICINA III: LAÇOS E AFETOS EM “OLHOS D’ÁGUA”

Livro: Olhos d’água - Conceição Evaristo(2016)

A proposta desta oficina é trabalhar com o conto “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo (2016), para refletir acerca dessa narrativa que traduz os laços afetivos entre mãe e filha, mas também, para pensar sobre o olhar de denúncia, de carências, de “faltas” causadas pela desigualdade social, frutos da sociedade capitalista e racista.

3º encontro

Texto: *Conto “Olhos d’água” de Conceição Evaristo (2016)*

Duração: 4h/aula – 200 minutos(distribuídos de acordo com a necessidade da turma).

Recursos: livro “Olhos d’água”; cópias do conto “Olhos d’água”; portfólio; lápis de cor; giz de cera; lápis; caneta, cola, papel ofício, papel metro, celular ou máquina fotográfica.

Organização da sala: semicírculo(sala previamente arrumada)

Objetivos:

- ✓ Refletir sobre afeto entre mãe e filha.
- ✓ Identificar, no conto, trechos que revelam marcas de desigualdades vivenciadas pelas personagens em “Olhos d’água”.
- ✓ Fortalecer a identidade feminina por meio de laços de afetividade presentes no conto.

Roda de conversa

- **Mobilização de conhecimentos prévios**
- ✓ Apresentar para a turma a expressão olho d’água e perguntar:

Figura 9: Capa do livro

Conceição Evaristo
OLHOS D'ÁGUA

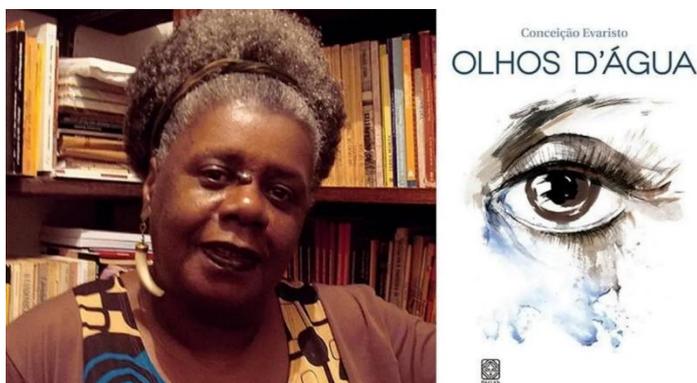


Fonte: <https://m.media-amazon.com/images/I/511a45eq5JL.jpg>

Olho d'água é?

- ✓ Por que você acha que o título desse texto é “Olhos d’água”?
- ✓ Você acha que o texto contará uma história?
- ✓ Em que situações é possível ter “olhos d’água”?
- ✓ Você se lembra de algum momento em que teve “Olhos d’água”? Poderia descrever suas sensações e sentimentos?
- A professora deve anotar no quadro algumas hipóteses levantadas pelos alunos sobre o título do texto e ao final da oficina confirmá-las ou não.
- Perguntar se conhecem a autora Conceição Evaristo e apresentar sua imagem:

Figura 10: Conceição Evaristo



Fonte: https://ogimg.infoglobo.com.br/in/15766814-440-aeb/FT1086A/652/2015-801686409-foto-autora-orelha.jpg_20150323.jpg

- ✓ Falar sobre a autora.

Leitura em voz alta

- ✓ A professora deve fazer a leitura do conto em voz alta.

Observação: Por ser um conto considerado “longo” para turma de 6º ano, a sugestão é que o/a professor/a faça a leitura para os/as alunos/as dando pausas para fazer algumas perguntas sobre o texto.

Dialogando sobre o texto

- ✓ “Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca”. (Evaristo, 2016, p.15). Qual foi a pergunta feita pela narradora?
- ✓ O que a narradora fez para ter uma resposta para a sua pergunta?
- ✓ Ao longo da viagem, a narradora, o qual é também uma personagem do conto, começa a lembrar de sua infância:
 - De que a menina sentia culpa?
 - De quais detalhes do corpo de sua mãe, a menina lembrava?
 - Além de cuidar da casa e das filhas, qual tipo de trabalho a mãe exercia para sustentar a família?
 - Algum detalhe lhe chamou a atenção sobre a infância da mãe da narradora? Qual?
 - Quando a infância da narradora parecia com a da mãe?
 - Qual momento a mãe mais brincava com as filhas?
 - “E era justamente nos dias de **parco** ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas” (Evaristo, 2016, p.17). Você sabe o que significa “parco”?
 - A professora deve tentar construir o significado dessa palavra a partir do trecho destacado. Depois, apresentar o significado da palavra a partir do dicionário.
 - “Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha” (Evaristo, 2016, p.17). Você saberia dizer quais ocasiões a narradora se refere?
 - Você imagina alguém que você goste como rainha? Quem? Já brincou de rainha, princesa? Rei? Príncipe?
 - Para você, quando uma mulher pode ser considerada uma rainha?
 - “Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço” (Evaristo, 2016, p. 17). De que a mãe tinha medo? Você acha que, no Brasil, todas as pessoas vivem em condições justas? Quem mais sofre com as desigualdades? Em sua opinião, por que isso acontece?
 - Que outros trechos revelam a pobreza em que viviam aquelas personagens?

- Apesar de tantas dificuldades, sofrimentos, a narradora descreve a mãe com muito carinho e ternura. Quais outras mulheres, a narradora reconhecia como importante para a sua vida? Escreva em seu caderno um trecho que confirma isso.
- A narradora conseguiu descobrir a cor dos olhos de sua mãe?
- E você, consegue lembrar quem são as mulheres importantes em sua vida? Quais?
- O que você achou do conto? Qual a parte que mais lhe chamou a atenção? Por quê?

Sistematização

✓ Ao som de uma música, o/a professor/a deve colocar numa caixa ou baú expressões, frases ou palavras do conto “Olhos d’água” e pedir que cada aluno/a retire e comente quando a música parar. Algumas sugestões: olhos d’água, infância, dias de parco, brincadeira, rainha, dias de chuva, desigualdades, discriminação, ternura, mulheres importantes, dentre outras que o/a professor/a considerar pertinente para a atividade.

✓ O/A professor/a, após as opiniões da turma, deve sistematizar as principais ideias presentes no conto abordando a relação entre filha e mãe, a partir da voz da narradora personagem (a filha), procurando, a partir de suas memórias, nos aproximar de sua infância que, apesar de muitas dores, possuía o amor de sua mãe que era mais forte.

✓ Além disso, é possível mostrar o retrato das desigualdades por que passa muitas mulheres negras que criam seus filhos e filhas sozinhas, enfrentando muitas dificuldades e discriminação por causa do racismo e do sexismo.

Sugestão: Após esse momento, o/a professora pode montar um mural com fotos apenas da parte dos olhos dos/as alunos/as da turma com o título “Laços e afetos em “Olhos d’água”.

Momento de escrevivência

✓ Pedir que cada aluno(a) registre em seu portfólio nomes de mulheres que consideram importantes em sua vida.

✓ Depois, criar uma frase que represente seu sentimento em relação ao encontro, e, se quiser, fazer desenhos para ilustrar esse momento.

1.4 OFICINA IV: CABELO E IDENTIDADE

Nessa oficina o objetivo é refletir sobre o padrão de beleza imposto pela sociedade eurocentrada e sobre o peso do racismo que impacta as infâncias de meninas negras. Entretanto,

a busca pelo protagonismo e a escrita como forma de resistência são o fio condutor dessa tessitura. Ao final, cada aluno/a fará sua *selfie* ou autorretrato de palavras que compõem sua construção identitária.

4º encontro:

Texto: *Menina bonita sem laço de fita* – Jenyffer Nascimento (2014)

Duração: 4h/aula – 200 minutos

Recursos: cópias do poema “Menina bonita sem laço de fita”; portfólio; lápis de cor; giz de cera; lápis; caneta, cartolina, papel metro, papel ofício, cola branca.

Organização da sala: semicírculo

Objetivos:

- ✓ Identificar, no poema, marcas de racismo que afetam a infância.
- ✓ Fortalecer a identidade feminina negra tendo como norteador o cabelo.
- ✓ Refletir sobre a importância do cabelo na construção da identidade da mulher negra.
- ✓ Conhecer o sentido das palavras ‘tradição’ e ‘ancestralidade’ empregadas no texto.

Dinâmica do espelho

O/A professor/a deve levar para a sala uma caixa bem bonita e dentro dela deve ter um espelho colado no fundo. Ao iniciar a aula, deve falar para a turma que naquela caixa encontra-se a coisa mais linda do mundo, uma espécie de tesouro, algo muito valioso.

Após esse momento, deve perguntar se alguém gostaria de saber o que é a coisa mais linda do mundo, mas não pode contar para ninguém, pois quem quiser descobrir tem que olhar na caixa. Quando o/a aluno/a olha na caixa, verá a sua imagem refletida.

Depois da dinâmica, o/a professora pode perguntar para a turma se concorda com o que viu na caixa e justifica sua resposta. Além disso, é possível falar sobre a importância de cada pessoa e a sua beleza que precisa ser valorizada primeiro por ela mesma, não esperar que somente o outro a valorize, pois é preciso autocuidado e que se amar é gostar de si próprio, antes de qualquer coisa.

Roda de conversa

- **Mobilização de conhecimentos prévios**

- ✓ O que é ser uma pessoa bonita?
- ✓ Apresentar as palavras tradição e ancestralidade, identidade, raça, racismo e perguntar o que a turma sabe sobre essas palavras.
- ✓ Alguém se lembra de alguma história com título parecido com este do poema? Qual?
- O/A professora deve anotar no quadro algumas hipóteses levantadas pelos alunos sobre o título do texto e, ao final da oficina, irá confirmá-las ou não.
- Perguntar se conhecem a autora Jenyffer Nascimento e apresentar sua imagem:

Figura 11: Jenyffer Nascimento



Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/images/autoras/Imagens.jpg>

- Falar sobre a autora.

Leitura colaborativa

- ✓ Leitura silenciosa, no primeiro momento.
- ✓ Depois, a turma pode ser dividida em grupos e cada um deve ficar com uma estrofe. O/A professor/a deve estabelecer um tempo para os grupos poderem ensaiar suas estrofes para depois apresentar em forma de jogral.

Dialogando sobre o texto

- ✓ A pessoa que fala no poema diz que a menina só quer ser bonita. Na sua opinião, por que ela só quer ser bonita? Para você, significando a expressão “só quer”?
- ✓ Você sabe o que significa a palavra “ritual”?
- Apresentar o significado de ritual para a turma.
- ✓ Na sua opinião, por que a menina não gosta de seu nariz, nem de sua boca?
- ✓ Qual é o ritual feito pela menina?
- ✓ Por que ela faz sempre isso?

✓ Você acha que uma pessoa, no caso menina, mulher, para se sentir bonita precisa mudar suas características físicas, por exemplo, no poema, a menina faz chapinha. Você sabe o que é “fazer chapinha”?

- Apresentar imagens do ferro de alisar cabelos e sua evolução para a chapinha

Figura 12-: Ferro de alisar cabelo



Fonte: google foto

Figura 13-: Pente de alisar cabelo



Fonte: google foto



Fonte: google foto

- Falar desse processo doloroso que muitas mulheres utilizaram para se protegerem do preconceito por causa de seu cabelo. Caso conheça alguma vivência desse tipo de violência, professor(a), aproveite para fazer esse relato.

✓ Perguntar para a turma se conhece alguém que já passou ou passa por essa situação. O que você acha disso?

✓ Você acha que existe algum problema se alguma mulher quiser alisar o cabelo? Quando isso pode ser um problema, em sua opinião?

✓ Você já se sentiu invisível alguma vez? Quando? Por quê?

✓ Nos versos “Ainda não percebeu/ Ao alisar seus cabelos/Alisa também seus crespos sonhos/ Os deixando sem brilho /Sem forma definida.” O que você entende por crespos sonhos?

✓ Apresentar para a turma as palavras “tradição” e “ancestralidade” e perguntar o que sabem sobre o sentido delas. Após escuta, explicar o significado dessas palavras e perguntar qual verso tem a ver com a palavra “tradição” e qual está relacionado à “ancestralidade”.

✓ Por que o eu lírico diz que não se pode negar a ancestralidade?

✓ Você acha importante valorizar o jeito de ser de cada pessoa? Como é possível fazer isso?

Sistematização

- ✓ O/A professor/a deve retomar as hipóteses levantadas pelos(as) alunos(as) para confirmá-las ou não.
- ✓ Comentar com a turma sobre o processo de invisibilização da mulher negra por conta de sua cor, cabelo e traços físicos, demonstrando que essa construção é fruto do racismo estrutural.
- ✓ O/A professor/a deve distribuir entre os grupos cartolinas ou papel metro e pedirá que desenhem uma mulher negra somente a parte superior (do pescoço até a cabeça) com o cabelo que considerarem bonito, e, cada pessoa do grupo escreve nessa parte palavras ou frases que fortaleçam a beleza da mulher negra.
- ✓ Após esse momento, cada grupo apresenta seu cartaz e fala porque escolheram aquelas palavras ou frases. O/A professor/a junto com a turma, deve escolher um local para expor os cartazes.

Momento de escriturância

- ✓ Ao final, cada estudante pode fazer sua selfie utilizando palavras que representem a sua identidade. Se quiser, também pode ilustrar com desenhos.

Texto

Menina bonita sem laço de fita

Laço de fita?

Nunca botou no cabelo

Diz que é feio, não combina.

Menina, só quer ser bonita.

Do nariz já não gosta

Da boca tem vergonha.

Toda semana o ritual.

Acorda cedo, lava o cabelo

Separa mecha por mecha

Começa a chapinha.

Às vezes o couro arde, queima.

Ela já não liga.

Gosto assim

Quando passa na rua e alguém diz:

– Psiu, ô morena, ô moreninha!

Menina, só quer ser bonita.

Queria que os garotos
A olhassem na escola
Mas dia após dia
Ela parece invisível.

Ainda não percebeu
Ao alisar seus cabelos
Alisa também seus crespos sonhos
Os deixando sem brilho
Sem forma definida.

Sexta-feira não abre mão
Vestir de branco é tradição
Sua vó lhe ensinou assim
Vivendo a ancestralidade
Essa não pode negar.

Ah menina...
Te vendo assim
Reconheço no seu presente
Pedacos do meu passado.

Menina bonita, sem laço nem fita
Tenho certeza
Eu ainda vou te ver brilhar
E seu cabelo crespo reinar.

Futura Rainha Nagô.

(Terra fértil, p. 76)

Jenyffer Nascimento

1.5 OFICINA V: *DIÁRIO DE CAROLINA*

Livro: O quarto de despejo: diário de uma favelada—Carolina Maria de Jesus(2014)

Dando continuidade aos estudos de escritoras negras brasileiras, nesse encontro a turma será apresentada a escritora Carolina Maria de Jesus(2014). Pretende-se, nesta oficina, ler alguns trechos do diário materializado na obra “O quarto de despejo”, da autora, a fim de que se articulem com os vídeos: “Quem foi Carolina de Jesus?” ; “Mulheres Fantásticas #9 | Carolina de Jesus” e “Carolina Maria de Jesus e seu QUARTO DE DESPEJO”. Além disso, refletir sobre a questão da desigualdade social, numa escrita que se constrói a partir do olhar de

quem vive aquela realidade e vê no seu texto uma forma de denunciar as injustiças em relação aos que vivem na favela sob a ótica do racismo cotidiano. Ao término, os alunos farão um registro em forma de escrita de diário relatando a experiência vivenciada na oficina. Além disso, serão emprestados para a turma o livro “Carolina”, de Sirlene Barbosa(2018), obra que retrata a vida da autora em forma de história em quadrinhos para que possam levar para casa e fazer a leitura.

5º encontro

Texto: *Quarto de despejo: diário de uma favelada de Carolina Maria de Jesus(2014)*

Duração: 4h/aula–200 minutos

Recursos: livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”; cópias de trechos do diário; TV; pendrive; notebook; portfólio; lápis de cor; giz de cera; lápis; caneta.

Organização da sala: semicírculo

Objetivos:

- ✓ Refletir sobre a invisibilidade da mulher negra moradora da favela.
- ✓ Identificar marcas de racismo nos trechos de diário de Carolina Maria de Jesus.
- ✓ Perceber, a partir da leitura dos trechos do texto de Carolina Maria de Jesus, como a desigualdade social influencia nas práticas racistas.
- ✓ Compreender, nos trechos do diário de Carolina, a literatura como forma de denúncia.

Roda de conversa

➤ Mobilização de conhecimentos prévios

- ✓ Apresentar para a turma a capa do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada” e perguntar:

Figura 15: Capas do livro “O quarto de despejo: diário de uma favelada



Fonte: <https://tse4.mm.bing.net/th?id=OIP.hdZwDCfkmsXad7D9-5aFNOHaFJ&pid=Api&P=0&h=180>

- ✓ Que detalhes na capa lhe chamam mais atenção?
- Apresentar as seguintes capas:

Figura 16: Capas do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”



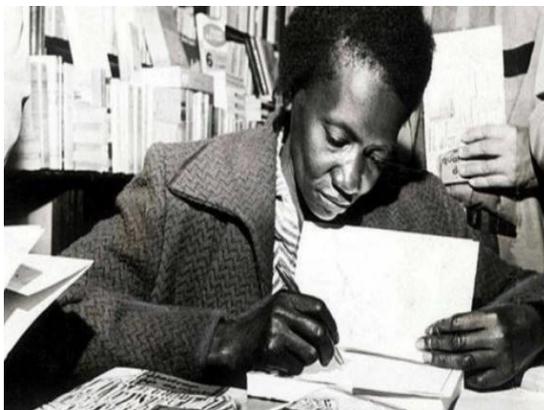
Fonte: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/11030/quarto-de-despejo-carolina-capas.png>

- ✓ Apesar de Carolina escrever em diferentes momentos do diário que não gosta de andar suja e que “gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido” (JESUS, 2004, p. 28), por que a capa de 2004 com a imagem da autora e seus três filhos aparece com roupa suja e uma postura de submissão? Será que essa capa é coerente com o modo como Carolina se vê e age? Ou a capa alimenta um imaginário racista, associando a imagem da mulher negra numa posição de precariedade e passividade?
- ✓ E as capas de 1960 e 2019 com desenhos de espaços neutros da favela? Será que revelam outras dimensões da vida de Carolina que não sejam só sobre a fome e a pobreza?
- ✓ Para você, o que é um quarto de despejo?
- ✓ Você sabe o que é um diário?
- ✓ O que pode conter num diário?
- ✓ Você já escreveu diário?
- ✓ Apresentar uma imagem da escritora Carolina Maria de Jesus. Você já ouviu falar de Carolina?

✓ Por que diário de uma favelada e não diário de Carolina Maria de Jesus? Você acha que muda o sentido?

✓ Será que a vida de Carolina só se resume à favela?

Figura 17-Escritora Carolina Maria de Jesus



Fonte: https://www.cartacapital.com.br/wp-content/uploads/2020/04/carolina_maria_jesus.jpg

✓ O que mais lhe chama a atenção? Você acha que ela só escreveu esse livro? Por quê?

● Assistir aos vídeos:

● **QUEM FOI CAROLINA DE JESUS?**

https://youtu.be/6P_q9O3VtIU?si=NUXqeT21BMmyCtfN

● **Mulheres Fantásticas #9 | Carolina de Jesus**

<https://youtu.be/IufWv4430aA?si=ETu8knyT1pdD0Z9z>

● **Carolina Maria de Jesus e seu QUARTO DE DESPEJO**

<https://youtu.be/FOayCpwQSoU?si=ncdYTrPCz-gKKspE>

● **Carolina Maria de Jesus - O pobre e o rico**

https://youtu.be/cRS-us_RpUQ?si=j9XWtiWRsEv1gBIc

✓ O que vocês acharam da biografia de Carolina?

✓ Leitura silenciosa dos trechos do diário.

Leitura em voz alta pela professora e colaborativa

✓ O/A professor/a deve fazer a leitura de trechos do livro **“O quarto de despejo: diário de uma favelada”** de Carolina Maria de Jesus.

Dialogando sobre o texto

✓

✓ Ao ler o trecho do dia 29 de maio de 1958, do diário de Carolina Maria de Jesus, percebemos que a autora descreve a vida de quem mora na favela e das pessoas que chegam para viver naquele lugar. Você acha que essa realidade existe ou só foi criada pela imaginação da escritora?

✓ Você acha que existem pessoas que levam uma vida parecida com a das personagens descritas? Se concorda, por que isso acontece, na sua opinião?

✓ Você acha que existem políticas que podem ajudar a mudar essa situação?

✓ “... Há de existir alguém lendo o que escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais” (Jesus, p.46, 2014). Você concorda com esse trecho? Comente.

✓ Carolina fala da ganância dos homens. Você sabe o que significa a palavra “ganância”? A que homens a escritora está se referindo?

✓ Alguns estudiosos afirmam que Carolina escreve uma literatura considerada de denúncia. O que ela denuncia?

✓ No diário do dia 16 de junho de 1958, podemos perceber uma forma de racismo. Localize no texto o trecho que comprova isso.

✓ Apesar do preconceito e de todo sofrimento por que passa Carolina, podemos dizer que a escritora tem orgulho de sua cor, de seu cabelo. Localize no texto o trecho que comprova isso.

✓ Para você, por que Carolina diz que o branco se sente superior?

✓ Como a escritora demonstra que a origem de uma pessoa não prova sua superioridade?

✓ O que você sabe sobre racismo? Para você, o racismo pode deixar marcas de sofrimento na população negra?

✓ O que você achou da história de Carolina?

Sistematização

✓ Confirmação ou não das hipóteses levantadas, fazendo um contraponto com o que falaram anteriormente sobre a escritora, destacando as principais características sobre a vida e obra de Carolina.

✓ Reflexão sobre o trecho do livro lido, chamando a atenção para a escrita de Carolina que revela a falta de políticas públicas que amparem a população menos favorecida, no caso, as pessoas da favela.

- ✓ Compreensão da literatura de Carolina como uma forma de denúncia acerca das mazelas que viveu, mas também, uma possibilidade de acessar outros mundos por meio de uma escrita literária.
- ✓ Reflexão sobre o papel da mulher negra, mãe solteira/solo numa sociedade racista e machista.
- ✓ A importância da imagem ou desenho na construção de sentido de um texto.

Escrevivências

- ✓ O/A professor/a deve organizar a turma em grupos, distribuir cartolinas e pedir que criem outras capas e títulos para o livro de Carolina. (Essa atividade pode ser realizada posteriormente com a contribuição do/a professor/a de “Artes”).
- ✓ Pense no seu dia, desde que acordou: O que você contemplou ao se levantar? Quais ações você praticou durante o dia? Algo lhe chamou atenção ou tudo ocorreu dentro de sua rotina “normal”? E como é a sua rotina “normal”? Você teve alguma sensação e/ou sentimento? Relate.
- ✓ E o nosso encontro? O que você considera ou considerou significativo?
- ✓ Os(as) participantes devem registrar em seu portfólio suas impressões acerca da oficina.
- O/A professor/a deve distribuir para a turma o livro “Carolina”, da autora Sirlene Barbosa, a fim de que possam conhecer um pouco mais sobre a biografia de Carolina Maria de Jesus através da história em quadrinhos.

29 de maio até que enfim parou de chover. As nuvens deslisa-se para o poente. Apenas o frio nos fustiga. E várias pessoas da favela não tem agasalhos. Quando uns tem sapatos, não tem palitol. E eu fico condoída vendo as crianças pisar na lama. (...) percebi que chegaram novas pessoas para a favela . Estão maltrapilhas e as faces desnutridas. Improvisaram um barracão. Condoí-me de ver tantas agruras reservadas aos proletários. Fitei a nova companheira de infortúnio. Ela olhava a favela, suas lamas e suas crianças paupérrimas. Foi o olhar mais triste que eu já presenciei. Talvez ela não mais tem ilusão. Entregou sua vida aos cuidados da vida.

... Há de existir alguém lendo o que eu escrevo dirá... isto é mentira! Mas, as misérias são reais.

... O que eu revolto é contra a ganância dos homens que espremem uns aos outros como se espremesse laranja.

(Quarto de despejo: diário de uma favelada/ Carolina Maria de Jesus. Editora Ática, 2014 p.46)

16 de junho – O José Carlos está melhor. Dei -lhe uma lavagem de alho e um chá de hortelã. Eu zombei do remédio da mulher , mas fui obrigada a dar-lhe porque atualmente a gente se arranja como pode. Devido ao custo de vida, temos que voltar ao primitivismo. Lavar nas tinas, cozinhar com lenha.

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de preto mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

...Um dia, um branco disse-me:

- Se os pretos tivessem chegado ao mundo, depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe? A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém.

(Quarto de despejo: diário de uma favelada/ Carolina Maria de Jesus. Editora Ática, 2014 p.64 e p.65)

***A escrita foi mantida igual à original.**

1.6 OFICINA VI : CUIDANDO DE MIM E DO OUTRO

Livro: Com qual penteado eu vou? – Kiusam de Oliveira

O cabelo assume uma nova perspectiva, não mais a estereotipada de “cabelo duro”, “cabelo ruim”. Na literatura de Kiusam, na obra “Com qual penteado eu vou”, o cabelo assume um viés de positividade, motivo de orgulho, de beleza e de fortalecimento da identidade da criança negra. Assim, nesta oficina, é possível refletir sobre a importância da ancestralidade, da família, do respeito e da valorização dos mais velhos, bem como sobre o papel humanizador da literatura, visto que é perceptível na apresentação de cada personagem o quanto se respeita e se valoriza a diversidade de identidades.

6º encontro

Livro: Com qual penteado eu vou? Kiusam de Oliveira (2021)

Duração: 2h/aula – 100 minutos

Recursos: livro “Com qual penteado eu vou? da autora Kiusam de Oliveira; projetor; portfólio; lápis de cor; giz de cera; lápis; caneta.

Organização da sala: semicírculo

Objetivos:

- ✓ Refletir sobre a identidade na construção do povo negro.
- ✓ Reconhecer o(a) idoso(a) como pessoa importante na construção da cultura de uma sociedade.
- ✓ Propiciar reflexões acerca da diversidade como característica importante na construção da identidade de um povo.
- ✓ Refletir sobre a ancestralidade africana por meio de nomes e significados.
- ✓ Propiciar reflexões sobre a diversidade, a ancestralidade e o empoderamento.
- Após esse momento, o/a professor/a fará a seguinte dinâmica:

Dinâmica – a flor do seu nome

- ✓ O/A professor/a deve oferecer uma flor a cada participante para que ele/a escreva o que significa seu nome ou origem do nome da família. Depois, socializa com os/as colegas.

Observação: O/A professor/a pode trabalhar anteriormente com sua turma sobre a origem e significado do nome e/ou família, a partir de pesquisas e conversa com seus familiares.

Roda de conversa

- **Mobilização de conhecimentos prévios**
- ✓ Apresentação da capa do livro para a turma:

Figura 18: Capa do livro “Com qual penteado eu vou”



Fonte: <https://www.livrarialoyola.com.br/resizer/view/373/373/true/true/401276.jpg>

- ✓ O que mais lhe chamou a atenção na capa do livro? Comente.
- ✓ Tem algum detalhe que sobre o qual você gostaria de falar acerca dessa imagem?
- ✓ Você acha que esse livro vai contar uma história? Por quê?
- Apresentar imagem da autora:

Figura19: Kiusam de Oliveira



Fonte: https://estaticos.gloradio.globo.com/fotos/2020/02/9b5a8dc3-132a-4b54-891b-dc384d9016e3.png.640x360_q75_box-0%2C23%2C680%2C405_crop_detail.jpg

- ✓ Falar sobre a vida e obra da autora.
- ✓ Comentar sobre o ilustrador Rodrigo Andrade e sua importância na construção do livro.

Leitura colaborativa

- ✓ O/A professor/a deve distribuir a cópia de uma página do livro onde aparece a personagem e o texto sobre o significado de seu nome, caso a escola não disponha de exemplares suficientes, para que cada aluno/a faça a leitura.
- ✓ Outra possibilidade é projetar o texto e cada aluno/a fazer a leitura da parte que ficou responsável.

Observação: O(a) professor(a) deve chamar a atenção da turma sobre as ilustrações e sua importância na construção de sentido do texto.

Dialogando sobre o texto

Sugestão: O/A professor/a deve formar grupos com as flores utilizadas na dinâmica “A flor de seu nome” que será confeccionada por cinco cores, por exemplo, para formar cinco grupos pela cor igual de cada aluno/a.

Após organizar os grupos, o/a professor/a deve distribuir no papel impresso blocos com as seguintes perguntas:

Grupo 1 – flores azuis

- ✓ O que você achou da história apresentada?
- ✓ Você saberia definir o que significa a palavra “virtude”?
- ✓ Das virtudes apresentadas, qual(quais) lhe chamou (chamaram) mais a sua atenção? Por quê?
- ✓ Você gostou de algum penteado ou cabelo? Qual? Por quê?
- ✓ Você o usaria?

Grupo 2 – flores brancas

- ✓ Você acha que o cabelo tem importância para as pessoas?
- ✓ Você conhece alguém que já foi discriminado por causa do cabelo ou penteado? Qual a sua opinião sobre isso?
- ✓ O ato de pentear os cabelos tem um significado importante para cada criança(personagem) que aparece na história. O que motivou cada uma delas a pensar no penteado?

Grupo 3 – flores verdes

- ✓ E você, já passou por alguma situação em que precisou se preocupar com o cabelo?
- ✓ Das personagens apresentadas, você se identificou com alguma? Qual? Por quê?
- ✓ Você percebeu a importância do significado dos nomes das personagens? Qual a sua opinião sobre isso? E o seu nome, você sabe a origem e o significado?

Grupo 4 – flores rosas

- ✓ Ao longo da história, percebemos que cada criança quer presentear o bisavô com o que tem de melhor, nesse caso, as suas virtudes. Você sabe o que significa virtude?
- Professor(a) escreva no quadro o significado dessa palavra de acordo com o contexto.
- ✓ Como você descreveria a relação das crianças com o bisavô?
- ✓ Você ainda convive com alguma pessoa idosa? Fale um pouco dessa relação.
- ✓ E a sociedade, pessoas de maneira geral, como tem tratado a pessoa idosa?
- ✓ Você acha que a pessoa idosa é importante na sociedade? A família?

Grupo 5 – flores amarelas

✓ Sororidade. Você já tinha ouvido falar dessa palavra?

Observe: “Sororidade é quando nós, meninas, temos a certeza de que juntas somos mais fortes., mais belas, mais inteligentes, mais poderosas.” (Oliveira, 2021, p. 40).

✓ Você concorda com essa afirmação? É possível praticarmos a sororidade? De que forma?

✓ Será que precisamos ter a mesma cor, mesmo cabelo, penteado, jeito de falar e vestir, por exemplo, para sermos respeitados?

Sistematização

✓ Cada grupo escolhe um/a representante para apresentar as respostas às perguntas.

✓ O/A professor/a deve retomar o conceito de ancestralidade na construção da identidade da pessoa negra.

✓ Enfatizar a importância do respeito e valorização das diferenças.

✓ Falar sobre a importância de gostar da pessoa respeitando a cor, o cabelo e o seu jeito de ser.

Escrevivências

✓ Registre, em seu portfólio: o que você achou dessa história? Do que mais gostou? Qual personagem mais lhe chamou a atenção? O que é preciso considerar quanto ao relacionamento com a pessoa idosa? Por que você acha importante respeitar essas pessoas?

Sugestões:

✓ Antecipadamente, o/a professor/a pode deixar um painel preso na parede para que cada aluno/a cole a flor com o significado de seu nome.

✓ Após, registro no portfólio, o/a professor/a pode fazer uma roda colocando as mãos juntas e, depois, tirar uma foto (somente das mãos) como forma de representar a diversidade.

✓ Formar grupos, distribuir papel metro e pedir que criem um cartaz que represente o respeito às pessoas, independentemente da idade, cabelo, gênero, cor, etc.

✓ Se você fosse convidado/a para uma festa considerada muito importante para você, com qual penteado iria? Qual a sua virtude seria levada para presentear o/a dono/a da festa?

Momento III: Tecendo leitura de literatura negra: fios de uma narrativa afetiva e reflexiva

No último encontro, uma roda de conversa será o início da socialização das impressões dos/as envolvidos/as nesse processo. A escuta e oralidade entrarão ainda mais em cena, pois o diálogo com os pares consiste num momento reflexivo sobre a experiência de participação nos encontros de leitura de literatura de escritoras negras brasileiras. Além disso, aqueles/as que se sentirem à vontade, poderão escolher algum trecho de seu registro no portfólio para compartilhar sua leitura com a turma.

Ao final, o/a professor/a deve pedir a cada estudante que escolha um pedaço de retalho(tecido) que estará num baú e escreva uma palavra que represente, para ele/a, a importância da literatura negra.

Cada aluno/a deve colar seu tecido no turbante do desenho da mulher negra, e, depois, o/a professor/a pode deixar o cartaz exposto em algum espaço da escola.

1.7 OFICINA VI : CULMINÂNCIA DO PROJETO – Tecendo leitura de literatura negra: fios de uma narrativa afetiva e reflexiva

Duração: 2h/aula – 100 minutos

Recursos: bexiga; caixa ou baú pequeno; projetor; portfólio; lápis de cor; giz de cera; lápis; caneta, papel metro, cópias de textos, papel ofício, retalhos de tecido, caneta de tecido.

Organização da sala: semicírculo (previamente arrumada).

Objetivos:

- ✓ Compartilhar impressões referentes às leituras e vivências ao longo dos encontros de leitura de literatura de obras de escritoras negras brasileiras.
- ✓ Avaliar se as atividades vivenciadas contribuíram para a compreensão de quanto o racismo pode afetar negativamente a vida do povo negro.
- ✓ Refletir sobre o papel da literatura de obras de escritoras negras na construção da identidade de um povo, bem como o respeito à diversidade.

Roda de conversa

✓ O/A professor/a deve iniciar o encontro fazendo a leitura do poema “Integridade” de Geni Guimarães(1981). Em seguida, pede para quem se sentir à vontade comentar sobre o texto.

✓ Após esse momento, o/a professor/a fará a seguinte dinâmica:

- Levará um painel com a palavra “racismo” escrita no centro. Em seguida, pede aos/as alunos/as que escrevam palavras associadas a ela. Cada aluno/a deve dizer qual a relação que fez ao escolher aquela palavra.

➤ Depois desse momento, ao som de uma música, o/a professor/a deve passar uma caixa ou baú contendo os nomes das escritoras e suas respectivas obras estudadas nos encontros. O/A aluno/a que estiver com a caixa ou baú na hora que a música parar, retira um papel e faz seu comentário sobre o que mais lhe chamou a atenção sobre a escritora e/ou sua obra.

Sistematização

✓ O/A professor/a deve selecionar antecipadamente trechos de textos, frases, pensamentos, dentre outros que falam sobre a identidade negra positivamente.

✓ Cada aluno/a deve escolher uma bexiga que estará previamente cheia e com um dos trechos dentro.

✓ Ao som de uma música, os/as alunos/as devem dançar jogando sua bexiga para o alto sem deixá-la cair no chão. Ao final, cada aluno/a estoura sua bexiga e ler o seu trecho e, se quiser, pode comentar. Depois, deve colar no painel que estará previamente preso na parede.

Avaliação

✓ O/A professor/a pode enfeitar a sala com um varal literário, pendurando os portfólios produzidos pelos/as alunos/as.

✓ Numa roda de conversa, cada estudante pode falar sobre a sua experiência de ter participado dos encontros de leitura de literatura de obras de escritoras negras brasileiras. Caso queira, pode escolher algum registro de seu portfólio e ler para a turma.

✓ Ao final, o/a professor/a deve pedir a cada estudante que pegue o seu portfólio e a primeira página que estará em branco, crie a sua capa da forma que desejar. Pode ser: desenhos, palavras, frases, desenhos e palavras, recortes de imagens etc. O importante é que cada aluno/a use a sua imaginação e faça a confecção da capa de seu portfólio.

Texto**Integridade**

“Ser negra
Na integridade
Calma e morna dos dias

Ser negra,
De carapinhas,
De dorso brilhante,
De pés soltos nos caminhos.

Ser negra,
De negras mãos,
De negras mamas,
De negra alma.

Ser negra,
Nos traços,
Nos passos,
Na sensibilidade negra.

Ser negra,
Do verso e reverso,
De choro e riso,
De verdades e mentiras,
Como todos os seres que habitam a terra.

Negra
Puro afro sangue negro
Saindo aos jorros,
Por todos os poros.”

In: Geni Guimarães. *Da flor o afeto, da pedra o protesto*. Barra Bonita: Ed. da Autora, 1981, 1ª e 2ª ed.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2019.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004. Disponível em: <https://editalequidaderacial.ceert.org.br/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em 02 nov. 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto, 2015.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52-57, 2005.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. p.27- 46 In. DUARTE Lima, Constância. NUNES, Rosado, Isabella (org.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Pallas Editora, 2016.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

FONSECA, Marcus Vinícius; DA SILVA, Carolina Mostaro Neves; FERNANDES, Alessandra Borges . **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Mazza Edições, 2011.

GOMES, Nilma Lino. "**Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação.**" Superando o racismo na escola, 2005, p.143-154. <https://www.escrevendoofuturo.org.br/blog/literatura-em-movimento/especial-geni-guimaraes/>. Acesso em 08 set. 2023

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

LOPES, Elisângela. Aparecida. A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo. In DUARTE, Constância Lima; DUARTE, Eduardo de Assis; ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Falas do outro: literatura, gênero, etnicidade**. 1. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. v. 1, p. 171–177

MOURA, Ana Aparecida Vieira de; MARTINS, Luzineth Rodrigues. A mediação da leitura: do projeto à sala de aula. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. (Orgs.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

NASCIMENTO, Jenyffer Silva do. **Terra fértil**. Edição da Autora, 2016.

OLIVEIRA, Kiusam do. **Com qual penteado eu vou?**. Editora Melhoramentos, 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das letras, 2019.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. São Paulo: 1998.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. São Paulo: Parábola editorial, 2011.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Léa. **Oficinas de ensino: o quê?: por quê?: como?**. 4 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

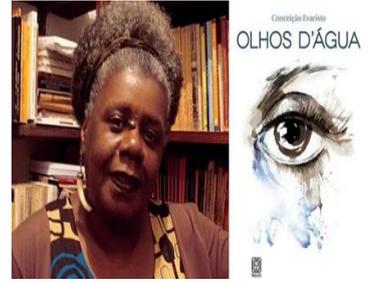
APÊNDICE A – Sugestão para elaboração do portfólio



**TECENDO LEITURA DE LITERATURA NEGRA: FIOS DE UMA
NARRATIVA AFETIVA E REFLEXIVA**

Laços e afetos em “Olhos d’água”

Momento de Escrivência





Cabelo e Identidade

Momento de Escrevivência

Avaliação



ANÁLISE

APÊNDICE B - ORIENTAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DO PORTFÓLIO

- ✓ A primeira página em branco do portfólio deve ser trabalhada no último encontro.
- ✓ O/A professor/a deve pedir a cada estudante que crie a sua capa da forma que desejar. Pode ser: desenhos, palavras, frases, desenhos e palavras, recortes de imagens etc. O importante é que cada aluno/a use a sua imaginação e faça a confecção da capa tendo em vista os textos estudados ao longo das oficinas.
- ✓ Se houver possibilidade, dependendo da realidade de cada escola, seria interessante organizar o portfólio no classificador sem elástico sob a orientação do /a professor/a. Caso não haja possibilidade, pode-se utilizar envelope, grampear as páginas, dentre outras formas.